



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

VELHICE E SEXUALIDADE NA REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA EM “MAS VAI CHOVER”, CONTO DE CLARICE LISPECTOR

Flávia Rodrigues de Melo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

flavia_melo2@hotmail.com

Este trabalho é um recorte dos resultados obtidos na nossa pesquisa de Mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), defendida em 2014. Aqui, a tônica é a velhice versus a sexualidade, já que Maria Angélica, personagem central do conto “Mas vai Chover”, presente em *A Via Crucis do Corpo* (1974) de Clarice Lispector, apresenta forte apelo erótico, vivendo, motivada pela chegada da velhice, a dualidade e reconhecendo a existência de um não-eu, a partir da relação e dos conflitos que essa consciência desencadeia. Nessa perspectiva, objetivamos analisar como ocorre a chegada da velhice e de que forma a sociedade encara essas mudanças, como bem fala Simone de Beauvoir em seu livro *A Velhice* (1990). Analisaremos também o modo como se configuram aspectos da identidade e do envelhecimento, com o intuito de verificar como ocorre a construção da identidade, pois como concebe Goleman (1996) o corpo imaginado compreende o emocional e o racional na constituição do ser, envolvendo seus sentimentos e corpo físico está atrelado ao organismo biológico. Na narrativa, vemos a quebra dos tabus sexuais consagrados na tradição religiosa através das ações da personagem, mostrando a imagem da mulher liberta, sem medo de expor seus desejos e anseios, movida pela pulsão da vida.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Sexualidade, Feminino, Velhice.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTRODUÇÃO

“Mas Vai Chover”, como os demais contos selecionados para este estudo, aborda temáticas ligadas ao sexo e ao feminino e é nesse contexto da sexualidade feminina que está inserida a personagem central, Maria Angélica, senhora de sessenta anos que paga para ter relações sexuais com um rapaz de dezenove. “Todos sabiam que o menino se aproveitava da riqueza de Maria Angélica. Só Maria Angélica não suspeitava”. (LISPECTOR, 1998, p. 75). A narrativa apresenta uma protagonista com o corpo degradado fisicamente, através de um viés ideológico que instiga uma reflexão sobre o preconceito e o tabu em relação à sexualidade na velhice. A temática central suscita reflexões por ser abordada uma personagem que supera sua própria condição física.

O conto é narrado em terceira pessoa e se inicia com o nome da personagem central, Maria Angélica de Andrade: o espaço, por sua vez, é formado por vários ambientes da casa: o quarto, a sala e a cozinha. A protagonista Maria Angélica, mulher viúva e independente financeiramente, apresenta dependência sentimental, precisa do outro para sentir-se amada, dependência essa que está atrelada ao desejo de sentir-se suprida pelo outro. Por possuir e buscar realizar seus prazeres, ela sofre o preconceito tanto por parte do rapaz como das pessoas que sabem da relação, porém pouco se importa e não deixa de buscar satisfazer-se.

Como bem acrescenta a escritora, no que se refere às personagens de Clarice Lispector, mulheres velhas, elas “guardam uma intimidade reservada, meio sagrada, que se alia a um grotesco da situação da marginalidade e do abandono social”. (GOTLIB, 2009, p. 524). Dessa forma, o sujeito velho em Clarice cria uma moral própria, rompe com os códigos estabelecidos, é o velho que quer sexo.

A CEGUEIRA METAFÓRICA EM “MAS VAI CHOVER”



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No conto, o nome completo ou a identidade jurídica das personagens é uma marca que a dualidade da mulher expressa no nome composto – Maria Angélica. Nos relatos bíblicos, Maria é a Grande Mãe, a Mãe de Cristo; Angélica, significa, Anjo. O nome da personagem esconde o que ela realmente é, pois Maria Angélica nada tem de angelical nem se comporta como a grande mãe, pura e preservada. O teor irônico dos nomes revela muito da mulher, pois a protagonista não tem mais capacidade para amar, tendo apenas a presença do desejo pelo carnal e pelo contato físico “Ele era a força, a juventude, o sexo há muito tempo abandonado” (LISPECTOR, 1998, p. 75). Atentando ainda para o nome Angélica, lembramos o significado do nome “angelicó”, planta trepadeira de raiz amarga, conforme declara Lima (2008). A partir dessa significação, vemos que Maria Angélica se apresenta oposta às regras de pureza que a sociedade dita, ao invés de ser santa mantém o comportamento de puta; ela é o duplo dela mesma, que ela criou por estar na condição de excluída socialmente pela idade que apresenta.

A dualidade apresentada – mulher casta e devassa – no conto coaduna com o estereótipo da dualidade inerente ao humano, da figura feminina ligada à família, ao sexo e a feminilidade, já que “a mulher é vítima, até o fim, de sua condição de objeto erótico” (BEAUVOIR, 1990, p. 428). Embora o envelhecimento e as mudanças físicas ocorram, também prevalece desejo e não se pode negá-lo. Maria Angélica bem o sabe e assume-o e, mais que isso, faz o que for necessário para satisfazer-se e então, apresenta afinidade com seu corpo e o enxerga como possibilitador de prazer.

É oportuno retomar o conceito de narcisismo apresentado no primeiro capítulo deste trabalho. O narcisista demonstra aqui ser esse *eu* inseguro de si. A personagem é caracterizada como narcisista a partir do horror à velhice que apresenta e as doses oriundas dos narcisismos fazem com que a autoestima seja mantida e o amor próprio desenvolvido, já que as atenções estão voltadas a si mesma. Neste contexto, o culto ao corpo e o amor pela própria imagem são traços de um narcisista; já que, segundo Freud (1996, p. 81) a: “Atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O envelhecimento feminino e a sexualidade tratados no decorrer da ação da personagem configuram-se como atributos destoantes para uma senhora da sua idade. Por se encontrar iludida com a possibilidade de viver esse caso amoroso, Maria Angélica não enxerga que o rapaz, seu amante, se aproveita de sua condição financeira. No conto, a exploração e o desrespeito em relação ao feminino marcam a narrativa. A mulher acredita, como fica evidenciado através da voz do narrador, que o rapaz a ama, contrariando o que dizem sobre as pessoas da sua idade de não serem possuidoras de prazer e de uma vida sexual ativa, já que ela não se vê como velha. Neste caso, no decorrer da narrativa vemos como houve o encontro entre Maria Angélica e Alexandre (LISPECTOR, 1998, p. 75):

Começou assim: Alexandre era entregador de produtos farmacêuticos e tocou a campainha da casa de Maria Angélica. Esta mesma abriu a porta. E deparou-se com um jovem rapaz forte, alto, de grande beleza. Em vez de receber o remédio que encomendara e pagar o preço, perguntou-lhe, meio assustada com a própria ousadia, se não queria entrar para tomar um café.

Neste contexto, a personagem central é surpreendida com a presença do jovem rapaz para entregar-lhe o remédio. De imediato, a mulher desperta um interesse pelo rapaz. Maria Angélica mostra que está viva, apresenta desejo sexual e este é realizado a todo custo “ – Só deixo você sair se prometer que voltará! Hoje mesmo! [...] Ela havia mudado de roupa, estava com um quimono de renda transparente. Via-se a marca de suas calcinhas. Mandou-o entrar. Disse-lhe que era viúva [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 76). O comportamento preconceituoso e antecipado de personagens diante do desejo sexual de uma mulher velha não passa de um padrão estabelecido socialmente, já que a cada novo dia se está mudando e, pela lógica da biologia, todos se tornam mais velhos, uma vez que o envelhecimento é a lei natural. Na narrativa há uma inversão de valores: é a mulher quem deseja e procura o homem: “Entrou. Maria Angélica não sabia que estava apaixonada. Deu-lhe uma grossa fatia de bolo e café com leite. Enquanto ele comia pouco à vontade, ela embevecida o olhava. Ele era a força, a juventude, o sexo há muito tempo abandonado”. (LISPECTOR, 1998, p. 75).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A jovialidade do rapaz representa o elo vital de que necessita o corpo de Maria Angélica; ele é vida e força em contraste com o corpo dela, já debilitado pelo tempo. O contato com a figura masculina desperta na mulher um desejo contido que pode ser realizado e para isso não medirá esforços: “Ela estava fascinada. Observou que ele tinha umas poucas espinhas no rosto. Mas isso não lhe alterava a beleza e a masculinidade: os hormônios lá ferviam. Aquele, sim, era um homem”. (LISPECTOR, 1998, p. 76). Esse olhar para o jovem atua uma reação corporal em Maria Angélica que torna liberta uma sexualidade, supostamente reprimida com o passar dos anos. Simone de Beauvoir (1990), em sua obra, *A Velhice*, mostra a condição de envelhecimento, já que o estar velho condiciona um destino e um papel específico: passa-se a ser ninguém, a nada conquistar, a nada ter e, muito menos, a possibilidade de ter desejos sexuais. Beauvoir (1990, p. 152) ressalta que:

Já que o destino da mulher é ser, aos olhos do homem, um objeto erótico, ao tornar-se velha e feia, ela perde o lugar que lhe é destinado na sociedade: torna-se um *monstrum* que suscita repulsa e até mesmo fora da condição humana, a mulher assume um caráter sobrenatural: é uma mágica, uma feiticeira com poderes sobrenaturais.

Cabe assinalar que os desejos e vontades da personagem são apresentados como naturais, já que sua atividade sexual não está relacionada à idade que apresenta, “Maria Angélica de Andrade tinha sessenta anos. E um amante, Alexandre, de dezenove anos”. (LISPECTOR, 1998, p. 75) num contexto em que a paixão pelo rapaz já está declarada, “[...] ficou deliciada, achou-o natural, simples, encantador”. (LISPECTOR, 1998, p. 76). Desse modo, a diferença de idade não importa e é até vista com bons olhos, pois o jovem está cheio de vigor o que pode ser a garantia de um equilíbrio carnal entre os amantes. E, sem conseguir esconder, ela toma o seguinte posicionamento, tendendo ao ridículo (LISPECTOR, 1998, p. 76):

– Só deixo você sair se prometer que voltará! Hoje mesmo! Porque vou pedir uma vitaminazinha na farmácia...

Uma hora depois ele estava de volta com as vitaminas. Ela havia mudado de roupa, estava com um quimono de renda transparente. Via-se a marca de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

suas calcinhas. Mandou-o entrar. Disse-lhe que era viúva. Era o modo de lhe avisar que era livre. Mas o rapaz não entendia.

A urgência e o desespero em relação aos desejos carnis são marcas da personagem que necessita suprir a falta do sexo, do desejo reprimido que ela busca satisfazer. Mesmo tentando seduzir o rapaz, a narrativa expressa que as atitudes da personagem são desprovidas de impacto sedutor: ao se expor através do quimono de renda não chama a atenção do jovem. Na busca de seduzi-lo, a expressão do grotesco e do ridículo são evidentes. É o que veremos agora.

A EXPRESSÃO DO GROTESCO E DO RIDÍCULO

Na tentativa incessante de seduzir o rapaz, Maria Angélica toma atitudes chegando ao ponto de dizer-lhe: “– Deixe eu lhe dar um beijinho! O rapaz se espantou, estendeu-lhe o rosto. Mas ela alcançou bem depressa a boca e quase o devorou”. (LISPECTOR, 1998, p. 76). O rapaz espanta-se com a atitude, o assédio da personagem e a iniciativa no ritual de amor, ao mudar de roupa e pedir-lhe um beijo, pois sua visita ali é um trabalho, ele é o entregador de remédio. Outro fato que o surpreende é a proposta de um relacionamento amoroso. Do ponto de vista do rapaz, ela continua sendo uma velha, simplesmente, ele só aceita o relacionamento porque Maria Angélica promete-lhe dar tudo, não se importando verdadeiramente com ela nem com seus sentimentos, confessando-lhe viajar com uma garota que conheceu.

A reprovação marca o comportamento da protagonista; há prazer em humilhar e chacotear essa velha mulher, “– Minha Senhora, disse o menino nervoso, por favor se controle! A senhora está passando bem?”. (LISPECTOR, 1998, p. 76). O fato é que Maria Angélica tem desejos sexuais. Porém, a protagonista quer o que é impossível aos olhos dele: o prazer. E para isso paga o que for preciso, vencendo até a vergonha de fazer do prazer um comércio conforme podemos perceber em Lispector (1998, p. 77):

Disse-lhe morta de vergonha:
– Venha para a cama comigo...



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

- Eu lhe dou um presente grande! Eu lhe dou um carro!
- Carro? Os olhos do rapaz faiscaram de cobiça. Um carro! Era tudo o que desejava na vida. Perguntou desconfiado:
- Um karmman-ghia?
- Sim, meu amor, o que você quiser!

A partir da proposta mercantilista – o sexo em troca de um carro – o rapaz percebe que atender aos pedidos de Maria Angélica pode ser um meio de conseguir benefícios financeiros facilmente, já que trabalha como entregador de remédios e vender seu corpo pode ser uma atividade mais lucrativa. Nesse momento, identificamos também a voz da narradora: ao mesmo tempo em que esta se apresenta com a função apenas de relatar os acontecimentos há também a sua participação, revelando fatos e situações acontecidas sendo que a narradora não é imparcial, ela julga a personagem e suas atitudes, “O que se passou em seguida foi horrível. Não é necessário saber. Maria Angélica – oh, meu Deus, tenha piedade de mim, me perdoe por ter que escrever isto!” (LISPECTOR, 1998, p. 77).

O narrador, impiedosamente, delinea a prostituição do rapaz, mas é na imagem da mulher que clama por atenção e sexo que ele carrega o dom da crueldade. É preciso considerar também o fato de que, antes de descrever o orgasmo da personagem a narradora pede desculpas ao leitor; até mesmo o rapaz se refere, ao prazer no ato sexual, de forma desprezível, principalmente pelo fato de que ele tinha nojo dela (LISPECTOR, 1998, p. 77):

- Maria Angélica dava gritinhos na hora do amor. E Alexandre tendo que suportar com nojo, com revolta. Transformou-se num rebelado para o resto da vida. Tinha a impressão de que nunca mais poderia dormir com uma mulher. O que aconteceria mesmo: aos vinte e sete anos ficou impotente.

O papel do jovem explorador é figurado a partir do seu descontrole, ele explora a personagem feminina tratando o sexo como um negócio. Dessa forma, de sua parte não há prazer, ele é verdadeiro em relação ao que sente por ela, tanto que cobra pelo “serviço prestado”, configurando-se como o típico prostituto jovem, belo e carente de dinheiro; a renda de seu corpo é a saída para a ascensão social. Maria Angélica, dessa forma, sai da liberdade à prisão, além de terminar silenciada então identificamos o papel a que a personagem, velha e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

rica, se submete. Embriagada de fantasias, não consegue escutar as advertências de uma amiga que lhe diz: “– Maria Angélica, você não vê que o rapaz é um pilantra?”. (LISPECTOR, 1998, p. 77) a quem ela responde ingenuamente que ele a ama, não conseguindo enxergar a realidade.

A cegueira de Maria Angélica é levantada pelo narrador para reforçar o julgamento do outro em relação ao gesto inocente daquela senhora. Todas as ações da personagem são motivadas pelo sentimento de vivacidade que a invade. Maria Angélica busca preencher a solidão com o amor que acredita receber do rapaz, sentindo-se completamente livre e não sendo atingida pelos comentários sobre a falta de correspondência do amor pelo jovem. Até que um dia ele lhe disse: “– Vou passar uns dias fora do Rio com uma garota que conheci. Preciso de dinheiro”. (LISPECTOR, 1998, p. 77). A partir desse momento, a personagem, que sempre manteve o *status* de dominadora, de superior, mostra-se frágil, abalada, rompendo com a imagem de mulher independente que apresentava.

A partir daí o amante a humilha abertamente, ao retornar da viagem ele declara: “Trouxe-lhe uma lata de goiabada cascão. Ela foi comer e quebrou um dente. Teve que ir ao dentista para pôr um dente falso”. (LISPECTOR, 1998, p. 78). O dente falso é a metáfora representativa desse jogo de dissimulação, de falsidade do amante em relação àquela senhora. Tais assertivas demonstram que em toda a estrutura narrativa há marcas muito precisas da realidade dentro dos padrões normais estabelecidos pela lógica mundana e injusta, numa sociedade em que o velho não tem valor como por exemplo, no seguinte fragmento do conto: “Maria Angélica mal acreditava na sua sorte. Pouco se importava com as criadas que quase riam na sua casa. Uma amiga advertiu-lhe: - Maria Angélica, você não vê que o rapaz é um pilantra? que está explorando você?” (LISPECTOR, 1998, p. 77). Ao final da narrativa (LISPECTOR, 1998, p. 78), ela vê que está sozinha e as cenas finais mostram o modelo de aproveitador que é o rapaz:

E a vida corria. As contas aumentavam. Alexandre exigente. Maria Angélica aflita. Quando fez sessenta e um anos de idade ele não apareceu. Ela ficou sozinha diante do bolo de aniversário.
Então – então aconteceu.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A prova maior de que não existia nenhum sentimento por parte do jovem é quando ela faz aniversário e ele não aparece. Sob o cenário da máscara idealizadora do “feliz aniversário” cai a máscara daquela mulher e seu universo de paixões pelo rapaz. Ao invés de um momento de alegria, festa e renovação a data é marcada pela solidão da personagem, assinalada pelo silêncio e pelo abandono. Então, a data configura-se apenas como um momento vazio, um dia como outro qualquer, sem motivos para celebração.

A cena do aniversário nos faz lembrar do conto “Feliz Aniversário” integrante da obra **Laços de Família** (1952), temos então Anita que completara oitenta e nove anos e recebera seus familiares para comemorar e então ao invés de comemoração tem-se o desvelamento de uma narrativa sarcástica em que é percebida a falsidade com que filhos, noras e netos se tratam, mostrando uma relação familiar deteriorada. Assim como D. Anita, Maria Angélica nada teve de feliz no dia do seu aniversário, ambas não desfrutaram de nenhum sentimento significativo em relação ao outro, a diferença é que a solidão de Maria Angélica é latente. O rapaz por sua vez é verdadeiro em relação ao seu sentimento, enquanto os familiares de D. Anita são falsos. Nas duas narrativas, a simbologia da mulher velha põe em cena as personagens silenciosas, repletas de conflitos existências, arrancadas de sua história cotidiana. Neste contexto, Almeida (2004, p. 126) ressalta que “velhice, abandono e morte estão intrinsecamente ligados: velhos, ao serem abandonados e tratados como coisa pelos filhos e parentes próximos, coisificam-se e aproximam-se da morte como rasgo de salvação”.

Frente a isso pode ser afirmado que as personagens centrais nas relações com o outro são marcadas pela falta de afeto. Maria Angélica encontra-se esquecida no dia do seu aniversário e, principalmente, por ser um dia em que para o rapaz parece não haver o que se comemorar.

Noutro momento (LISPECTOR, 1998, p. 78), quando o rapaz aparece é para lhe exigir cada vez mais dinheiro:

Preciso de um milhão de cruzeiros.
Um milhão? espantou-se Maria Angélica.
–Sim!, respondeu irritado, um bilhão antigo!



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

- Mas... mas eu não tenho tanto dinheiro...
 - Venda o apartamento, então, e venda o seu Mercedes, dispense o chofer.
 - Mesmo assim não dava, meu amor, tenha piedade de mim!
- O rapaz enfureceu-se:
- Sua velha desgraçada! sua porca, sua vagabunda! Sem um bilhão não me presto mais para as suas sem-vergonhices!

A partir do encontro com a impossibilidade de cumprir com as exigências de Alexandre, a personagem percebe que sem a recompensa financeira o rapaz lhe deixaria. A mulher é vista como fonte de renda e assim como noutros contos seu corpo é mercadoria, um corpo a ser vendido, priorizando-se o seu valor, não se importando com o interior. O rapaz é um caso típico do sexo na sociedade capitalista, valoriza um rosto e corpo renovados, o consumismo exacerbado, importando o que se tem e não o que se é e cada vez mais denuncia-se o esquecimento dos valores patriarcais e dos padrões sociais vigentes para a mulher em detrimento dos prazeres imediatos.

É assim então que percebemos a duplicidade da mulher marcada por suas atitudes: diante de seu despertar, consciente de sua existência, buscando realizar seus desejos, “Maria Angélica mal acreditava na sua sorte. Pouco se importava com as criadas que quase riam na sua cara”. (LISPECTOR, 1998, p. 77). É neste sentido que emerge um jogo dual em que verificamos o desejo de fuga da realidade e o receio de assumir sua própria voz.

Ao final da narrativa tem-se a sensação de piedade diante do profundo vazio em que a personagem se encontra “Parecia uma ferida de guerra. Mas não havia Cruz Vermelha que a socorresse. Estava quieta, muda. Sem palavras nenhuma a dizer”. (LISPECTOR, 1998, p. 78). Neste contexto, a narrativa aponta para a crítica da sociedade em que o machismo, a autoridade e o poder masculino silenciam a voz da mulher, simbolizada metonimicamente na voz de Maria Angélica que aos poucos vai se aquietando, emudecendo, definhando em si no contato com o outro explorador. Cabe acentuar que ela tem um instante de satisfação já que, após concretizar o ato sexual, encontra-se superada, revigorada, regenerada e pronta para seguir em frente. Dessa forma, a sexualidade e erotização são marcas da narrativa e aparecem



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de forma exagerada, já que a personagem passa a viver uma prisão e o vazio do silêncio a domina.

Devido ao fato de a personagem apresentar uma idade que não é socialmente reconhecida enquanto “legítima” para práticas sexuais, ela é mantida “fora da história” e ocupa um lugar à margem da sociedade. Cabe assinalar que a dicotomia idade *versus* sexualidade dispõe de significados culturais produzidos por sistemas dominantes de representação. Assim, a sua identidade é formada a partir da construção da diferença: do jovem em relação ao velho, do homem em detrimento da mulher, do capital em detrimento do sentimento. É desse modo que a escrita de Clarice possui uma especificidade, pois incomoda o leitor na medida em que seus textos abordam as diferenças, as dualidades e as dicotomias que importunam o indivíduo, pois sua escrita pode ser vista como o discurso do outro se levarmos em consideração que o texto de autoria feminina, no cenário das letras, está na margem, no entrelugar.

Finalmente, cabe ressaltar que o legado de Clarice Lispector sobre a condição feminina permite-nos observar a presença de elementos como a liberdade, as temáticas ligadas à existência, ao sexo, ao desejo e as realizações pessoais são trazidas à tona, por se tratar de personagens que se autoconhecem e se expressam, libertando-se das amarras da sociedade. Desse modo, as personagens clariceanas rompem com a perspectiva que mostra uma predileção pela literatura desde os avanços garantidos com o movimento das feministas, já que a representação da mulher nunca foi tão exaltada e tão estudada. Elas demonstram estar alheias aos modelos: são mulheres que vivem o drama de desempenhar os papéis que lhe são destinados, são cobradas por não desenvolverem com perfeição a maternidade e muitas vezes subvertem essa “condição”. Por causa disso, em sua literatura, podem ser discutidas questões relacionadas à constituição de identidades destes sujeitos.

Com base no que foi destacado aqui sobre os três contos analisados faremos um estudo crítico-comparativo das narrativas de modo a observar aproximações e/ou distanciamentos, focalizando o modo de representação do corpo das figuras femininas dando destaque à busca para encontrar o *si mesmo*, ponto central de nosso trabalho.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. R. de. **E experimentação do grotesco em Clarice Lispector**. São Paulo: Nankin Editorial. Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BEAUVOIR, S. de. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Nova Fronteira, 1990.

_____. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Volume 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

FREUD, S. Luto e melancolia. **Obras completas de Sigmund Freud**: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Traduzido sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263.

GOTLIB, N. B. **Clarice**: uma vida que se conta. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

LIMA, S. M. de. **O Outono da vida**: trajetórias do envelhecimento feminino em narrativas brasileiras contemporâneas. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Brasília: Brasília, 2008. Disponível em: < http://www.gelbc.com.br/pdf_teses/Susana_Moreira_Lima.pdf> Acesso dia 20 de maio de 2013.

LISPECTOR, C. **A Via Crucis do Corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.